

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250



2ª ED.

ATEMPA



CPHIS

Coletivo das Professoras e
Professores de História da
Rede Municipal de Ensino
de Porto Alegre

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250

ORGANIZADORES:

Marco Mello

Roselena Colombo

Claudia Aristimunha

Melina Perussatto

Inês Vicentini

Coletivo de Professoras e Professores de História
da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS)

Associação de Trabalhadores em Educação do
Município de Porto Alegre (ATEMPA)

2ª ed.
PORTO ALEGRE, RS
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P739 PoAncestral: muito além de 250 / organização de Marco Mello, Roselena Colombo, Claudia Aristimunha ... [et al.] 2ª ed. - Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2023.
163 p. : il.

ISBN: 978-65-996311-3-9

1. Porto Alegre (RS). 2. Ancestralidade. 3. Memória social. 5. Comunidade quilombola. 6. Povos indígenas. 7. Ensino de história. I. Mello, Marco. II. Colombo, Roselena. III. Aristimunha, Claudia. IV. Perussatto, Melina. V. Vicentini, Inês. II. Título.

CDU – 981.651
930(816.51)

Elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais



EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO

A RELAÇÃO UNIVERSIDADE, ESCOLA E COMUNIDADE EM UM BRASIL POSSÍVEL E NECESSÁRIO

Ana Celina Figueira da Silva

Professora na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS)
Endereço eletrônico: *ana.celina@ufrgs.br*

Claudia Porcellis Aristimunha

Historiadora, Técnica do Museu da UFRGS
Endereço eletrônico: *aristimunha@museu.ufrgs.br*

Melina Kleinert Perussatto

Professora na Faculdade de Educação (FACED/UFRGS)
Endereço eletrônico: *melinaperussatto@gmail.com*

As fronteiras outrora rigidamente estabelecidas entre Universidade, escola e comunidade tornam-se, cada vez mais flexíveis, permitindo a fruição de experiências que levam ao reconhecimento de múltiplos saberes. A quebra desses limites não está totalmente consolidada, mas já é possível identificar inúmeras iniciativas de caráter interdisciplinar que promovem a troca de conhecimentos e o reconhecimento de diferentes realidades e formas de pensar o mundo. Nesse sentido, ganha relevância a Extensão Universitária, que destacamos nesse texto, apontando, especialmente, a experiência do projeto *PoAncestral*, que aproxima Universidade, escola e diversos grupos sociais na construção de um novo olhar sobre a cidade de Porto Alegre.

A Extensão Universitária, tal como vem se discutindo, elaborando e executando ao longo dos últimos anos, demanda necessariamente a sua indissociabilidade com o Ensino e a Pesquisa e envolve processos que devem promover a interação entre a Universidade e os outros setores da sociedade. De natureza interdisciplinar e/ou transdisciplinar, seu caráter é educativo, cultural, científico e político na perspectiva da relação entre aprendizado e

cidadania.

Como podemos ver a Política Nacional de Extensão, baseada em cinco Diretrizes principais, aponta para o aspecto da Interdisciplinaridade considerando a combinação de saberes específicos das áreas de conhecimento com a complexidade dos saberes das comunidades:

A diretriz de Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade para as ações extensionistas busca superar essa dicotomia, combinando especialização e consideração da complexidade inerente às comunidades, setores e grupos sociais, com os quais se desenvolvem as ações de Extensão, ou aos próprios objetivos e objetos dessas ações. O suposto dessa diretriz é que a combinação de especialização e visão holística pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. Dessa maneira, espera-se imprimir às ações de Extensão Universitária a consistência teórica e operacional de que sua efetividade depende (FÓRUM, 2009 p. 49).

A Extensão, portanto, cada vez mais se afirma como intrínseca ao processo de formação acadêmica, ancorando a Universidade na relação de sua comunidade (docentes, discentes e técnicos) com a realidade social em que está inserida. Relação essa que promove efetivamente transformações nela própria; alterando currículos, proporcionando formação mais complexa e ampla de seus egressos, como nas dinâmicas das relações sociais e políticas. É uma via de mão dupla. A Extensão:

[...] coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica – processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional – e de sua formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. Essa visão de estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã deve ser estendida, na ação de Extensão Universitária, a todos envolvidos [...]. Dessa maneira, emerge um novo conceito de ‘sala de aula’, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. “Sala de aula” são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re) constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. O eixo pedagógico clássico “estudante – professor” é substituído pelo eixo “estudante – professor – comunidade” [...] (FÓRUM, 2009, p. 50).

Todos os envolvidos como protagonistas e todos os espaços como educativos. A “sala de aula”, portanto, pode ser a casa de uma liderança indígena, pode ser o Museu da UFRGS, a mata ou ainda o Quilombo. O conhecimento científico de matriz eurocêntrica tem sido o pensamento dominante no ensino, mas a valorização de “outros” saberes, aqueles considerados “não científicos”, é uma postura necessária para a formação acadêmico-científica com potencial transformador do mundo, e uma educação científica crítica, humanizadora e cidadã. Conforme José Jorge de Carvalho:

Para transmitir um pouco de concretude a essa ideia de eurocentrismo e de modelo colonizado de instituição acadêmica, basta pensar que, até o ano de 2003, um estudante podia terminar seu ensino médio sem conhecer absolutamente nada sobre as tradições culturais indígenas, afro-brasileiras ou sobre a história da África. E a mesma carência generalizada

de informação sobre as culturas indígenas e afro-brasileiras vigia também nas disciplinas dos cursos universitários [...] (CARVALHO, 2016, p. 6).

A Universidade por meio de seus diferentes setores e Unidades Acadêmicas neste envolvimento no dia a dia das comunidades, além de fazer jus a seu papel social, amplia a abrangência de sua ação transformadora. Nesse sentido, é crucial perceber a importância do reconhecimento e valorização dos saberes de mestres e mestras populares e tradicionais, das diferentes cosmovisões, dos diferentes letramentos e oralidades e das vozes normalmente não ouvidas na academia.

Os reflexos dessa parceria não só fortalecem a incorporação de outras epistemologias, além das eurocêntricas, nos processos de formação acadêmica, como qualificam a própria atuação dos dois setores envolvidos. Memória, cultura, saberes populares, identidades, pertencimento, territorialidade, diversidade, diálogos e desenvolvimento socialmente referenciado são alguns dos aspectos tematizados e vivenciados nessa junção Universidade, Rede Escolar e Movimentos Sociais.

O Projeto *PoAncestral* é um exemplo, dentre tantos implementados ou possíveis de acontecer. Diferentes setores, disciplinas, cursos da UFRGS, juntam-se a movimentos sociais de diferentes matizes, com vistas a um diálogo com escolas e coletivos para apresentar uma outra narrativa sobre os 250 anos da cidade de Porto Alegre, comemorado oficialmente em 26 de março de 2022, que dispute com a versão oficial, marcada exclusivamente pela colonização branca europeia.

A iniciativa partiu de um grupo de professores vinculados ao campo da história, organizados em um Coletivo e da Associação dos Professores Municipais de Porto Alegre – ATEMPA, que se aproximaram de várias lideranças e grupos institucionais, entre eles a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a construção conjunta do projeto. Ademais, a ação de extensão universitária *PoAncestral* foi aprovada pela Comissão de Extensão da Faculdade de Educação e duas bolsas foram concedidas pela Pró-Reitoria de Extensão e pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, o que proporcionará o estreitamento da parceria e o adensamento do projeto¹.

¹ Sobre a ação de extensão ver o capítulo de Aristimunha e Perussatto (2022) disponível neste livro.

O *PoAncestral* contempla uma série de ações (*lives*, debates, produção de textos, manifestações artísticas), que possibilitam conhecer as parcerias já realizadas entre Universidade, Escolas de nível Fundamental e Médio e diversos coletivos sociais. Por conseguinte, o projeto *PoAncestral* interliga experiências institucionais e de vida, permitindo o compartilhamento de diferentes saberes e a construção de uma nova percepção de cidade. Promove a reflexão e o debate sobre a necessidade de compreendermos que o passado construído sobre o território que hoje demarca Porto Alegre, ultrapassa dois séculos e meio, pois inclui os povos originários e os negros. Também colabora na percepção que a história da nossa cidade continua sendo

construída por todos e isso envolve a luta dos grupos socialmente marginalizados e excluídos por uma cidade inclusiva e diversa.

REFERÊNCIAS

FÓRUM de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Apresentado no XXVI Encontro Nacional FORPROEX (2009: Rio de Janeiro, RJ) e aprovado no XXXI Encontro Nacional em Manaus, AM.

CARVALHO, José Jorge. **Cadernos de Inclusão, n. 8**. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/UnB, 2016.

ANCESTRALIDADE, PORTO ALEGRE E ENSINO DE HISTÓRIA

Caroline Pacievitch

Professora de história na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: caroline.pacievitch@ufrgs.br

Há muito tempo sabemos que ensinar história nas escolas não é o mesmo que recordar o passado. Nós, professores e pesquisadores do ensino de história, temos estabelecido, há mais de quarenta anos, um consenso que rechaça a submissão do conhecimento histórico à criação de uma identidade nacional unívoca e à perpetuação de visões colonizadas, racistas, patriarcais e capitalistas sobre o mundo. De forma paralela, comungamos da crítica freireana sobre a educação bancária, ao tentar nos manter atentos aos rumores do mundo, vivendo a sala de aula como espaço de produção de conhecimentos sobre o passado¹.

Obviamente, o fato de termos esses princípios não significa que conseguimos contemplá-los sempre. Por razões difíceis de avaliar, tais como escassez de recursos físicos e de material didático, excesso de carga horária em sala de aula, cansaço ou falta de formação especializada, em muitas ocasiões predominam cópia, memorização, conteúdos sem problematização e descontextualizados. E, à época de comemorações como o

7 de setembro ou o 15 de novembro, é comum encontrar reportagens nos meios de comunicação denunciando o quanto a população ignora eventos básicos da história nacional, como se a repetição de um conto patriótico fosse garantia de cidadania². O estado do Rio Grande do Sul tem suas peculiaridades quando se trata de comemorações cívicas, considerando a mobilização nas mídias, nas escolas e em outros equipamentos culturais em razão do 20 de setembro. Aliás, o impacto das comemorações do 20 de setembro³ nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda é um ponto em aberto nas pesquisas sobre ensino de história no estado.

Nas sociedades ocidentais modernas, o passado é algo que está sempre ficando para trás, enquanto avançamos inexoravelmente ao futuro. Em geral, identificamos esse avanço não apenas de forma cronológica, mas também com uma valorização evolutiva: hoje, somos

² Significado do FERIADO de 15 de novembro é desconhecido por algumas pessoas. GRTV 1a edição. 15 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7164039/>>. Acesso em: 05 abr. 2022. PESSOAS APROVEITAM, MAS desconhecem significado do 7 de setembro. SBT Brasil. 07 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://is.gd/A0tfgH>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

³ É comum que grandes marcas componham peças de publicidade específicas sobre a data. Por exemplo: LOJAS COLOMBO MARCA presença nas comemorações da Semana Farroupilha. Portal da Propaganda. 11 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://is.gd/ttlzGO>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

¹ Coletâneas recentes como "Ensino de História e suas práticas de pesquisa" (ANDRADE; PEREIRA, 2021), "Ensino de História: diferenças e desigualdades" (SCHMIDT; BAUER; PACIEVITCH, 2021); "Cartografias da pesquisa em ensino de história" (MONTEIRO; RALEJO, 2019), além das últimas edições dos Encontros Nacionais Perspectivas do Ensino de História (https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419) confirmam essa afirmação.